

## COMO ESCREVER E LER SEM PRATICAR? UMA EXPERIÊNCIA APLICADA NO ENSINO SUPERIOR

Mirian M. M. MAGALHÃES<sup>1</sup>  
UNISUAM

### RESUMO

A discussão apresentada é fruto de uma experiência didática com os alunos de Comunicação Social do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Foi percebido que eles tinham muita dificuldade em lidar com a redação, desde a confecção de textos mais simples nos períodos iniciais até o final do curso quando a exigência aumenta, por exemplo, na elaboração do trabalho monográfico de conclusão de curso (TCC). Nas reuniões de colegiado sempre este problema era levantado e várias iniciativas, individuais e coletivas, foram experimentadas, porém nenhuma apresentou resultado satisfatório. A ação que tem se colocado como um caminho a ser seguido, inicialmente adotada apenas nas disciplinas de produção textual, mas depois por quase todo o corpo docente, consiste em transformar as aulas em espaços para exercitar o máximo possível o conteúdo das ementas das disciplinas. O método, após alguns semestres de aplicação, tem se mostrado eficiente, pois além de transformar as aulas, tornando-as mais dinâmicas, tem aberto os horizontes dos alunos à aplicabilidade das teorias, desmistificando que elas são incompreensíveis e desnecessárias para o bom desempenho profissional. Este *paper* é o primeiro esforço de sistematização do processo, buscando neste momento compreendê-lo e discuti-lo, localizando-se apenas no campo da pesquisa qualitativa. Uma vez a experiência interpretada, a meta é posteriormente transformá-la em dados quantitativos através do mapeamento das principais dificuldades com o texto, para no futuro avançar mais e propor mudanças mais substanciais nas ementas das disciplinas e na abordagem dos conteúdos.

**Palavras-chave:** Produção textual. Prática. Leitura. Experiência didática.

---

<sup>1</sup> Mirian M. M. Magalhães é graduada em Jornalismo pela UGF (1987) e Mestre em Tecnologia pelo CEFET/RJ (2006). É professora assistente do curso de Jornalismo do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) lecionando disciplinas voltadas para a prática textual. Também coordena o Centro Cultural UNISUAM (CCULT). [mirianmmm@yahoo.com.br](mailto:mirianmmm@yahoo.com.br)

## Introdução

O Curso de Jornalismo da UNISUAM completa em 2014 quarenta anos. Nestas quatro décadas ele passou por muitas transformações. Algumas por exigência dos avanços nas rotinas produtivas com a inserção cada vez mais incisiva da tecnologia e outras por necessidades detectadas pelo corpo docente em relação à forma como os conteúdos eram repassados. Entretanto, por algum tempo a percepção direta dos professores, tão importante nos diagnósticos, foi negligenciada, inclusive pelo próprio docente. Na última década as conversas constantes entre coordenação de curso e professores foi determinante para que os problemas mais urgentes e aflitivos fossem debatidos com mais vigor e que tentativas também fossem colocadas à prova, resultando em vários fracassos, mas também em alguns sucessos.

Deste modo, a experiência que será apresentada é fruto do constante debate e da inquietação que acomete a coordenação do curso bem como seu corpo docente. Embora o incômodo maior em relação ao texto tenha se revelado inicialmente no Curso de Jornalismo, os professores da outra habilitação que a UNISUAM oferece, Publicidade, também apoiaram o debate, não só participando dele como aplicando o experimento em suas disciplinas.

É importante ressaltar que nada foi planejado. A origem do debate e da aplicação da experiência que será relatada é quase espontânea, porém à medida que ela foi sendo adotada pela maioria dos professores os resultados passaram a ser alvo de constantes avaliações, tanto pelas coordenações (Jornalismo e Publicidade) quanto pelos docentes e discentes.

Periodicamente, seja nas reuniões de colegiado ou em questionamentos avaliativos realizados pelos docentes junto às turmas, o procedimento denominado *Avaliação Continuada* é revisto na busca de aperfeiçoá-lo e não deixar que a animação de todos dissimule a realidade.

As reuniões de colegiado ocorrem sempre no início e no final do semestre. Os professores costumam comentar como suas avaliações acorreram, quais tipos de exercícios práticos foram aplicados, expondo em seguida os resultados. Por exemplo, se houve uma experiência nova, como a testada na disciplina Estratégias Discursivas, ela é compartilhada com os demais docentes. Para ilustrar melhor, a experiência exemplificada será descrita a seguir.

Foi proposto aos alunos construir um texto “a quatro mãos” (cada aluno elaboraria um parágrafo do texto, mediante modelo dado e discutido na parte teórica/expositiva da aula). Na correção foi identificada a falta de leitura dos parágrafos anteriores por parte do aluno da vez a escrever, negligenciando a coerência e a unidade temática proposta pelo próprio grupo.

Após o diagnóstico do professor, a solução adotada em novo exercício com dinâmica igual foi cobrar dos grupos, depois do término da redação, leitura oral do texto confeccionado para toda a turma. O recurso se mostrou satisfatório, pois houve percepção das falhas, os integrantes dos outros grupos deram sugestões, e após o debate público uma revisão foi realizada pelos grupos, para só então o exercício ser finalizado e entregue para correção.

Como já foi destacado, a experiência que tem sido efetuada no Curso de Comunicação Social não é oriunda de premeditação, portanto o quadro teórico-metodológico está sendo construído para que daqui por diante o rigor científico possa ser aplicado e que o resultados, neste primeiro momento satisfatórios, possam ser realmente validados. A cada reunião, após debate e diferentes pareceres, novos procedimentos vão sendo testados nas aulas, alguns com sucesso e outros não. Os resultados vão sendo compartilhados, não importando, em princípio, as consequências, pois o mais valioso é a percepção individual dos professores sobre o experimento, uma vez que, independente do saldo ser satisfatório ou não, o debate, a troca de visões e compreensões sobre as dificuldades é o que se tem de mais proveitoso nestes encontros.

Assim, na busca da criação da base teórica e metodológica o contexto até agora avaliado possui observações derivadas de conceitos interpretativistas de base fenomenológica, como os difundidos pela Etnometodologia. A Etnometodologia, que tem como precursor Harold Garfinkel, analisa as atividades desempenhadas pelos atores através do raciocínio prático que eles demonstram durante as ações. Segundo Garfinkel, as respostas dadas são uma composição que contém elementos de origem científica e outros, de origem tácita e/ou prática. (COULON, 1995). A descrição das ações, ferramenta muito utilizada nas pesquisas qualitativas, será usada para relatar a experiência.

Embora a *Avaliação Continuada* seja atualmente aplicada em quase todas as disciplinas, o exposto a seguir será direcionado para as matérias de produção de texto que constam das grades curriculares de ambas as habilitações, denominadas Comunicação e Expressão (2º período) e Estratégias Discursivas em Comunicação (3º período) por serem a origem da experiência, ou seja, onde tudo começou.

## **1 Escrever**

A prática textual, como a própria expressão adverte necessita de exercício. Entretanto, mesmo ele sendo exigido nem sempre os resultados são os esperados. Muitos estudiosos da linguagem afirmam que nós só aprendemos a lidar com ela praticando-a. Desejo expressar-me bem oralmente então devo realizar práticas que envolvam a discussão, o embate, mas

oferecido de maneira lógica e convincente. E mais, de modo enfático, porém com a emotividade controlada de acordo com o tema, buscando o tom certo, o ritmo discursivo ideal, mediado pelo volume da voz contemplando meu objetivo, como por exemplo, a persuasão, o convencimento.

No discurso escrito estes atributos também são necessários. A emoção está na escolha vocabular e na seleção da tipologia textual mais pertinente. O tom, o ritmo mais moderado ou mais incisivo também é transposto no vocabulário, no modelo discursivo e na escolha do modo de organização dos parágrafos. E o volume da “voz” aparecerá através desta escalação, e da comunhão de outros atributos, como o uso da pontuação correta para assinalar pausas, reflexões, indignação, descontentamento, etc. Deste modo, como ressalta Faraco e Mandryck (2008:12):

A escrita é, neste sentido, um diálogo à distância; uma conversa sem presença do outro. Isso, evidentemente, dificulta o trabalho de escrever e, para superarmos essa dificuldade, é necessário assumirmos dois papéis: o de autor e o de leitor.

Falar sobre essas proposições apenas no nível teórico sempre se mostrou muito imaterial, muito subjetivo para ajudar alguém na tarefa de “aprender a escrever”. Aliás, ninguém ensina o outro a escrever. O que podemos é mostrar técnicas de organização das ideias, modelos discursivos mais apropriados para determinados textos, critérios para adequação vocabular entre outros, visando o auxílio, uma espécie de *background* fundamental para a prática textual.

Contudo, mais uma vez voltamos à necessidade da prática, do exercício. E foi pensando sobre isso que uma experiência começou a ser aplicada quatro anos atrás nas disciplinas de produção textual do curso de Comunicação Social da UNISUAM. As turmas são mistas, ou seja, há alunos das duas habilitações conferidas pela instituição: jornalismo e publicidade.

Antes de prosseguir é importante fazer uma pausa e contar um pouco sobre o universo que cerca a UNISUAM, sobre o universo de onde provêm os alunos. A instituição fica localizada na Zona da Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Bonsucesso, mas possui unidades em outros lugares, como Campo Grande, Bangu, e Jacarepaguá. A UNISUAM tem cerca de 20 mil alunos distribuídos pelas unidades citadas, porém a maior concentração está em Bonsucesso.

O curso de Comunicação Social funciona apenas em Bonsucesso, no qual além das aulas teóricas, os alunos assistem às disciplinas práticas, oferecidas em um prédio anexo exclusivo, denominado de Núcleo Hans Donner. Este espaço possui laboratórios de

informática, uma rádio, um estúdio de TV, estúdio de fotografia, auditório para palestras, etc. Embora a instituição ainda não seja costumeiramente citada como centro de referência no ensino da comunicação no Rio de Janeiro, sua direção, incentivada e cobrada pelas coordenações de curso, tem trabalhado neste sentido, proporcionando ao corpo discente convívio e aprendizagem com todo o aparato tecnológico necessário ao exercício profissional da comunicação. Este esforço foi reconhecido pelos avaliadores do MEC no ano de 2011, que após visita às instalações e verificação de projetos e conversa com professores e alunos conferiu ao curso de Jornalismo o conceito 4 (Publicidade possui conceito 3).

Não obstante, apesar do investimento no nível material, o curso convive e se ressentido da falta de investimento na educação no Brasil. Os alunos são majoritariamente oriundos de zonas pobres do Rio (Zona da Leopoldina e Baixada Fluminense), representantes do descaso de anos de falta de políticas voltadas para a educação e especialmente para a instrução de jovens carentes. O alunado chega jovem e despreparado ou é composto por uma faixa etária mais avançada, pois primeiro se inseriu no mercado de trabalho para depois ter condições financeiras de arcar com as responsabilidades de um curso superior.

Sendo assim, eles chegam imaturos, não só emocionalmente, mas intelectualmente. A maioria tem pouca ou nenhuma intimidade com a leitura, não possui hábitos culturais (faltam condições financeiras), além de carência de confiança, demonstrando baixa autoestima, dificultando, e às vezes impossibilitando, um diálogo que favoreça o auxílio na recuperação do tempo perdido.

Voltando ao relato da experiência que vem se realizando, nesses quatro últimos anos as aulas têm sido ministradas obedecendo a uma rotina. Cada aula possui um tema, como, por exemplo, apresentar e discutir as características de uma dissertação e seus propósitos. Após o oferecimento de pontos relativos à teoria que o tema comporta, um exercício prático é proposto.

As tarefas são variadas, às vezes comportam mais interpretação, compreensão do que prática, e outras são práticas textuais, ou seja, confecção de texto obedecendo a critérios previamente revelados e que tenham a ver com a teoria discutida. Desta forma, os trabalhos são direcionados, voltados para apreensão do tema proposto na aula, o qual é observado e avaliado com mais cuidado durante a correção.

Evidentemente os atributos indispensáveis a um bom texto, independente de sua natureza, são sempre observados e cobrados, tais como coerência, coesão, ortografia, sintaxe, etc. Entretanto, a maior parte da avaliação está preocupada com a apreensão do tema/modelo discutido na aula.

Um ponto observado com recorrência é que textos mais longos, tanto quando solicitados para elaboração como para a leitura costumam apresentar resultados piores. Ou seja, quando é pedido um exercício prático que envolva redações mais extensas os erros apresentam-se em maior número. Fato que também ocorre quando a compreensão envolve textos mais extensos. Este tipo de problema é observado desde as séries do Ensino Fundamental como relata Moraes, após estágio realizado referente à disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I, da Faculdade de Educação da USP:

Os obstáculos mais evidentes nas redações analisadas foram ortografia, sintaxe e níveis de coesão e coerência, “problemas” que se agravaram à medida que o tamanho do texto aumentava. A influência da oralidade na redação dos alunos também foi um tema de destaque, já que a grande maioria transcrevia as palavras da maneira como as falava<sup>2</sup>.

O termo tecnologia refere-se a um conjunto de técnicas usadas para facilitar a vida do homem, para organizar melhor o seu espaço. Apenas pensando nisso vê-se que as técnicas nos ajudam a tornar o dia a dia mais funcional, mais dinâmico, mais organizado. De tal modo o sentido de produção vem a reboque.

Na produção textual não é diferente, pois as técnicas redacionais nos ajudam a construir um texto mais organizado, mais adequado aos propósitos, portanto mais produtivo. Então, por que não tratar as disciplinas de produção textual como disciplinas essencialmente práticas? Isto é um erro conceitual no entendimento do que é produção textual.

Embora a expressão “produção” seja usada recorrentemente para identificar este tipo de disciplina, o significado da palavra é abstraído e o que fica na mente de todos – alunos e professores – é o acordado socialmente ou culturalmente: que disciplinas assim compreendem aulas teóricas de gramática da Língua Portuguesa. Mesmo não sendo o maior interesse dos alunos é visível sua decepção quando informados que não verão teoria relativa à gramática, mas a testarão e aprenderão a usá-la melhor a partir da produção de textos. Para Emediato (2007) há um engano das instituições de ensino na hora de desenvolver essa competência nos alunos, achando que uma eficiente produção textual se consegue através da revisão de problemas gramaticais da Língua Portuguesa.

Retornando ao lugar de origem da discussão, o Curso de Comunicação Social da UNISUAM, e lembrando que as habilitações oferecidas têm como uma das ferramentas

---

<sup>2</sup> MORAES, Marcelo Rodrigues de, **O estágio da escrita: problemas de redação no Ensino Fundamental e uma proposta de intervenção com texto literário**. (ISSN 2176.1736)  
Disponível em <http://www2.fe.usp.br/~lalec/revistamp/index.php/publicacoes/numero-3/artigos/item/25-o-est%C3%A1gio-da-escrita-problemas-de-reda%C3%A7%C3%A3o-no-ensino-fundamental-e-uma-proposta-de-interven%C3%A7%C3%A3o-com-texto-liter%C3%A1rio>. Acesso em 05/06/2013.

essenciais para o exercício profissional o texto, é urgente a reflexão e a indicação de caminhos no sentido de uma solução (ou pelo menos da redução de sua extensão).

Faraco e Mandryk (2008:10), advertindo sobre a necessidade de escrever bem para qualquer cidadão observam que “esse domínio é essencial para ascendermos à fruição dos bens culturais produzidos no país e à participação efetiva na produção desses bens”. Enfatizando que estamos tratando de profissões (destacando o Jornalismo) que envolvem diretamente a produção destes bens, a redação torna-se ponto nevrálgico.

Emediato (2007) afirma que o maior problema dos jovens estudantes é a expressão do pensamento através da escrita, pois eles têm dificuldade de estabelecer relações lógicas entre conceitos e ideias. Esta deficiência, muitas vezes, é decorrente de uma pobre vivência estética, ou seja, da imaturidade intelectual lembrada no início deste relato, tão evidente em alunos oriundos de classes menos favorecidas. Entretanto, ela também ocorre em indivíduos que tiveram acesso a escolas melhores e a outros espaços de cultura.

Uma explicação possível para que esta falta de domínio também seja encontrada nas classes mais favorecidas, porém em menor escala, é a ação equivocada de professores: “Ao reduzir a escrita a uma mera tarefa sem maiores finalidades (escreve-se apenas para preencher linhas e ganhar nota), a escola falseia o ato de escrever e nos dificulta o domínio da escrita”. (FARACO E MANDRYK, 2008:13)

## 2 Ler

Não há como negar que escrever está diretamente ligado a ler. Os alunos que são alvos desta reflexão, apenas ratificando o que já foi dito, têm pouca maturidade intelectual e um ponto observado assim que chegam à instituição é sua dificuldade com a leitura. Eles não gostam, apresentam muita resistência e se intimidam com textos longos.

Algumas tentativas de redução do problema foram aplicadas, individualmente, ou seja, por cada professor, mas houve uma que foi adotada por todos após uma reunião de colegiado na qual o tema foi debatido com ênfase. Depois de várias sugestões, ficou acordado que a cada semestre um professor ficaria responsável por indicar um livro que tivesse a ver com o conteúdo de sua disciplina, e que tal conteúdo seria cobrado no final do semestre (na segunda avaliação) na forma que o professor achasse mais conveniente.

Durante quatro semestres esta prática foi adotada e os livros indicados para leitura foram bem diferentes: desde clássicos da literatura (*Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis em Comunicação e Expressão) até títulos voltados às respectivas

habilitações ensinadas na UNISUAM (*Pragmática do Jornalismo* de Manuel Chaparro para alunos da disciplina Expressão Jornalística).

Porém, após quatro períodos de experiência, o resultado obtido foi muito ruim. Como a avaliação cobrada posterior à leitura era realizada em A2 (para que os alunos tivessem tempo de efetuar-la), um número significativo de discentes abria mão da avaliação e ia espontaneamente para A3, mesmo arriscando serem reprovados. Cabe a esta altura uma breve explicação sobre o processo de avaliação semestral adotado na UNISUAM.

A instituição oferece três oportunidades de avaliação aos alunos, denominadas de A1, A2 e A3. Se o aluno obtiver média igual ou superior a 6.0 (seis) nas duas primeiras avaliações fica dispensado da A3. Caso contrário (média inferior a 6.0) ele é obrigado a fazer A3, valendo também para sua aprovação no semestre a mesma regra, ou seja, ter média em duas avaliações realizadas (A1 e A3 ou A2 e A3) igual ou superior a 6.0 (seis).

A última avaliação (A3) também pode ser usada para “melhorar a média”, pois o aluno tem direito de realizá-la, e caso alcance melhor resultado do que em uma das avaliações efetuadas anteriormente (A1 ou A2) a menor nota é descartada e nova média é calculada. A A3 também é empregada como “segunda chamada” para os alunos que não compareceram a uma das avaliações anteriores.

Retornando ao relato, como a estratégia adotada não deu resultado, novas experiências foram testadas, porém individualmente, em cada disciplina, conforme a necessidade de cada professor em relação ao conteúdo dado. No caso das disciplinas de prática textual é evidente a necessidade de leitura, e muita leitura, pois é notório – quando isso acontece – o apuro em relação à ortografia, volume vocabular, disposição e natureza das ideias de acordo com o tema abordado entre outros avanços, conquistas importantes e indispensáveis a um bom texto.

Vamos considerar neste ponto da discussão que ler é uma ação sofisticada uma vez que é necessário compreender, decifrar e interpretar o que está colocado na forma de texto, ou seja, a leitura exige um esforço de compreensão do mundo e de nossa relação com o mundo. Se não há um mínimo de conhecimento deste mundo não há como nos inserirmos nele, não há compreensão do universo relatado e muito menos do que ele tem a ver conosco. Este é um problema exposto pelos alunos com recorrência após a leitura: “Não entendi nada, não sei o que isto tem a ver comigo”.

Para tentar minimizar a resistência uma medida foi adotada nas disciplinas de prática textual: sempre trazer temas/textos que fossem próximos ao universo dos alunos, pois Paulo Freire (1985) já advertia: “A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”.

É claro que é impossível atender a todos, mas este cuidado tem se mostrado relevante na medida em que há quebras na resistência. Quando o texto possui conteúdo conhecido, é composto com linguagem próxima (vocabulário coloquial), não é muito extenso e tem aparência estética convidativa (ilustrações, letras, divisão em parágrafos e distribuição homogênea dos mesmos que facilita a leitura) a resistência inicial é minimizada.

Outro artifício usado e que tem mostrado bons resultados é o uso da internet nas aulas (uso de textos disponibilizados na rede). As aulas quando são ministradas no laboratório de informática costumam ser mais animadas, uma vez que os alunos podem procurar textos para lerem a partir de uma indicação, que pode ser de site/blog/página ou de tema, mas sem obrigatoriedade, ou seja, eles também podem iniciá-la livremente.

A indicação origina-se de pesquisa por parte do docente com relação ao conteúdo do blog, por exemplo. O universo social dos alunos é muito ligado às comunidades carentes do entorno (Complexo do Alemão/Complexo da Maré) e, sendo assim, blogs que discutam este mundo, seja pelo viés cultural, social, assistencial/médico/infraestrutura, etc., são leituras recebidas com simpatia, pois os interessam diretamente, além de produzir reflexão e debate acerca do assunto pela turma. Essa dinâmica sempre gera frutos satisfatórios, porque aumenta o campo de argumentação além de torná-lo mais consistente, gerando textos mais elaborados de uma forma geral.

Assim, quando a proposta é feita não há, a princípio, proibições quanto à natureza da leitura (autoria, origem ou qualidade da produção) e muitas vezes o aluno é incentivado sim a procurar leituras rápidas. De uma maneira geral o resultado é bastante satisfatório, pois eles debatem, leem uns para os outros as informações que acabam de descobrir e as utilizam na confecção do exercício proposto (da redação que será cobrada no final da aula), construindo textos melhores, mais ricos, tanto em volume informacional quanto em relação à qualidade. A recomendação para a busca ser direcionada a textos menores é resultado da constatação que já foi mencionada neste artigo: de que leituras extensas costumam afugentar os alunos. Neste caso elas são desaconselháveis, pois a compreensão de muitas ideias dispostas exige um grau de maturidade intelectual e atenção que os alunos ainda não desenvolveram.

Nota-se também que a rotina de procurar leitura os ajuda a criar critérios para a pesquisa, pois de forma natural percebem que a internet é um território muito fértil, tanto para o bem quanto para o mal, ou seja, eles encontram textos bem elaborados e autorais, resultado do conhecimento do autor, mas também começam a perceber várias reproduções (cópias) e relatos que não são confiáveis, com informações jogadas e não oriundas de apuração aprofundada.

Vale ressaltar que há resultados ruins também nesta prática, pois alguns alunos acabam escolhendo o caminho mais fácil e suas produções textuais não passam de “elaborados trabalhos de Ctrl-C + Ctrl-V”. Contudo, apesar dos deslizos sempre presentes, a avaliação geral que fica é satisfatória, ponto que tem sido sempre lembrado no início do semestre na tentativa de que o maior número possível de aulas possa ser ministrado no laboratório de informática.

### **3 Escrever e ler: a prática**

Wander Emediato, em artigo intitulado *Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas* (2008), destaca a relação professor/aluno em sala de aula como uma relação de poder, uma vez que em todas as relações sociais e comunicativas o poder está presente e estabelece as regras do jogo. (FOUCAULT, 2005)

Para Emediato (2008: 74) “o professor tem o poder e a iniciativa sobre todos os atos enunciativos e sobre todas as modalidades que especificam estes atos: ele pode ordenar, pedir, solicitar, perguntar (...), etc.” E ao aluno cabe um espaço limitado de iniciativas: “pode pedir, solicitar e propor, mas não pode (nem deve) ordenar, nem advertir, nem autorizar, nem declarar, sequer afirmar coisas com muita certeza, pois deve, para tranquilidade de seus próprios colegas, admitir seu estado de ignorância”.

No trabalho o autor diz que são estes acordos tácitos entre professor e aluno que sustentam a situação comunicativa “sala de aula”. A discussão que norteia o artigo não é unicamente direcionada à educação e suas práticas, mas também a tematização que a mídia proporciona ao grande público, se ela é legítima ou não. Entretanto, quando ele cita a sala de aula está colocando as relações que ocorrem lá no mesmo nível das que ocorrem entre jornalismo e cidadãos, ou seja, é quem tem mais poder que determina a pauta.

Assim, admitindo a relação de poder que rege a sala de aula, cabe ao professor direcionar seus alunos no sentido da apreensão de conhecimento e cabe também a ele se indignar com a inércia dos mesmos, que é originária de vários fatores (quase sempre de origem social e econômica), mas que não pode ser mais encarada como “normal”.

A prática que vem sendo adotada nos últimos anos nas disciplinas de produção textual do Curso de Comunicação Social da UNISUAM é resultado de indignação, da tentativa de se buscar soluções para problemas graves de redação, mas também da constatação das leis que regem a cena “aula”. Embora o modelo sala de aula esteja no mote das discussões pedagógicas, ainda não se descobriu outro modo de ensinar que tenha se mostrado mais

eficiente, obviamente não esquecendo as iniciativas que combinam aparatos tecnológicos ou qualquer outro recurso que possa dinamizar o aprendizado. Louco seria o professor que fechasse os olhos à modernidade, recusando-se a inserir novos elementos à aula sempre que possível. Todavia, a estrutura que ainda organiza os cursos superiores é a sala de aula. É a partir das relações que ocorrem nela que o aprendizado ocorre, portanto quanto mais elas forem prazerosas e participativas maior o saldo obtido.

Quando os exercícios propostos são aceitos pelos alunos, quando eles compreendem a necessidade das duas ações discutidas neste artigo, ler e escrever, eles tornam-se menos arredios e mais abertos para quebrarem velhas barreiras, como falta de confiança ou vergonha de sua ignorância acerca do conteúdo. Esta confiança só é obtida após muitas tentativas e a dinâmica usada nas aulas tem se mostrado um bom caminho.

Não só a divisão das aulas em teoria e prática tem sido determinante para o avanço detectado, mas outras duas iniciativas foram fundamentais no processo: aproximar a leitura do universo do aluno, tanto em relação ao tamanho dos textos quanto aos temas indicados, e oferecer aulas mais criativas e dinâmicas, como as que ocorrem no laboratório de informática, pois através do livre acesso à internet os modelos textuais estudados são exemplificados (pode-se ler vários textos, bem e mal elaborados, destacando pontos positivos e defeitos que não devem ser repetidos), além de propiciar ao aluno acesso a banco de dados (várias informações) que ajudam a enriquecer e dar consistência à redação.

Outro ponto detectado nas análises desde que a *Avaliação Continuada* foi implementada é a falta de conhecimento geral por parte dos alunos. Devido a pouca leitura, eles são ignorantes acerca de muitos assuntos, inclusive a respeito de temas atuais da pauta midiática, e esta ação de incentivo ao acesso e pesquisa a diferentes bancos de dados acaba também suprimindo essa carência (falta de informações), implicando em textos mais densos, com maior e melhor volume informacional.

É sempre bom frisar que as disciplinas atendem às duas habilitações (Jornalismo e Publicidade) e que o texto é ferramenta imprescindível à formação de alunos de Comunicação Social.

### **Considerações Finais**

É possível que este relato pareça trivial, posto que não trata de nada rigorosamente novo. Tudo que foi lembrado e destacado muito provavelmente já foi testado e usado por muitos professores. Então, por que compartilhar esta história? Porque há inovação e ela está na combinação das ações aplicadas. O frescor da experiência está na composição.

Primeiro a constatação de que o correto uso da Língua Portuguesa tem sido negligenciado pela escola, optando por aulas teóricas de gramática e achando que elas vão dar conta na hora da aplicação prática, na elaboração da redação. Sem o exercício da escrita estas regras apreendidas e às vezes incessantemente cobradas não levam ao êxito maior: a expressão (oral ou escrita). Sendo assim, sem descuidar da gramática, é necessário investir muito mais na produção textual.

Segundo, a percepção de que há emoções nem sempre reveladas verbalmente, muito pelo contrário, escondidas atrás de sinais, tais como abandono da disciplina, revolta com os textos e temas oferecidos, falta de iniciativa para começar uma produção textual entre outros, como exemplificado no relato da tentativa de adoção de leitura obrigatória e na insistência em oferecer textos mais longos e densos para serem trabalhados em sala de aula.

Terceiro, a decisão do corpo docente de assumir a responsabilidade dos insucessos e arcar com o autoritarismo da sala de aula: é o professor que dirige a cena e cabe a ele conduzir a representação. Em tempos em que a sala de aula é continuamente bombardeada e tida como uma “criação falida” apresentá-la como o campo ideal para mudanças é no mínimo inesperado. É afirmar com ousadia que um modelo tão velho pode ser ainda muito promissor.

Como quarto elemento da composição há a constatação de que a sala de aula é ainda e continua sendo um terreno fértil desde que não sejamos cegos às ferramentas que a tecnologia coloca hoje a nosso dispor: por que não usar a internet e outros recursos tecnológicos que possam dinamizar as aulas?

O quinto elemento é o trabalho, pois oferecer a cada aula um exercício prático não é algo fácil, muito pelo contrário, estamos falando de pesquisa de temas e possíveis maneiras de se realizar produções textuais, além de grande volume de correção de exercícios semanais.

E como último composto, está a leitura dos problemas apresentados e também a percepção dos avanços conquistados, mesmo os de natureza implícita. A interpretação derivada é produto de constante observação e debate entre corpo docente e coordenação de curso. Ela precisa ser incessantemente refeita, reavaliada, o que se traduz em mais trabalho, pois como já foi dito não é uma experiência testada e nem idealizada, o que faz com que a interpretação exija um grau alto de subjetividade, mas também de atenção extra para as relações em sala de aula.

Quanto aos avanços conquistados, não há ainda como colocá-los em números, desafio que move o corpo docente neste momento. Entretanto, após quatro anos de aplicação do método e vários pequenos ajustes fica a certeza de estar no caminho, e esta confiança surge do

relato dos alunos sobre seus progressos, das consultas mais constantes acerca das deficiências (como saná-las), do clima mais agradável e da frequência maior nas aulas.

### **Referências**

COULON, A. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995b.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2007.

EMEDIATO, W. **Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas**. In: LARA, G. M. P. et al. (org.) **Análises do discurso hoje**. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

FARACO, C. A.; MANDRYK, D. **Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1985.